

PAM JENOFF

AS AGENTES
SECRETAS
DE PARIS

Tradução
Alda Lima

 Harper
Collins
RIO DE JANEIRO, 2020

Copyright © 2019 by Pam Jenoff
Título original: *The Lost Girls of Paris*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.
Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Thaís Lima*

Preparação de original: *Rayssa Galvão*

Revisão: *Marcela Isensee*

Diagramação: *Abreu's System*

Capa: *Kathleen Oudit*

Ilustração digital: *Allan Davey*

Adaptação de capa: *Guilherme Peres*

Imagens: *iStock*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J52a

Jenoff, Pam

As agentes secretas de Paris / Pam Jenoff; tradução Alda Lima. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

Tradução de: *The lost girls of Paris*

ISBN 9788595086913

1. Espionagem – Ficção. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 - Ficção. 3. Ficção americana. I. Lima, Alda. II. Título.

20-62737

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

SUMARIO

Capítulo Um:	GRACE
Capítulo Dois:	ELEANOR
Capítulo Três:	MARIE
Capítulo Quatro:	GRACE
Capítulo Cinco:	MARIE
Capítulo Seis:	ELEANOR
Capítulo Sete:	MARIE
Capítulo Oito:	GRACE
Capítulo Nove:	MARIE
Capítulo Dez:	GRACE
Capítulo Onze:	MARIE
Capítulo Doze:	GRACE
Capítulo Treze:	ELEANOR
Capítulo Catorze:	MARIE
Capítulo Quinze:	GRACE
Capítulo Dezesesseis:	ELEANOR
Capítulo Dezesete:	MARIE
Capítulo Dezoito:	ELEANOR
Capítulo Dezenove:	MARIE
Capítulo Vinte:	GRACE
Capítulo Vinte e Um:	MARIE
Capítulo Vinte e Dois:	ELEANOR
Capítulo Vinte e Três:	GRACE
Capítulo Vinte e Quatro:	ELEANOR
Capítulo Vinte e Cinco:	ELEANOR
Capítulo Vinte e Seis:	MARIE
Capítulo Vinte e Sete:	ELEANOR
Capítulo Vinte e Oito:	ELEANOR
Capítulo Vinte e Nove:	GRACE

Capítulo Trinta: ELEANOR

Capítulo Trinta e Um: GRACE

Capítulo Trinta e Dois: GRACE

Nota da Autora

Agradecimentos

Sobre a Autora

Para minha família

*“Em tempos de guerra, a verdade é tão preciosa
que deveria ser sempre protegida por uma escolta de mentiras.”*

Winston Churchill

CAPITULO UM

GRACE

Nova York, 1946

Se não fosse o segundo maior erro na sua vida, Grace Healey jamais teria encontrado a mala.

Eram 9h20 de uma terça-feira, e Grace devia estar saindo da região norte da cidade no primeiro dos dois ônibus que pegava até o centro, no trajeto do apartamento em Hell's Kitchen até o escritório onde trabalhava, no Lower East Side. E *estava* a caminho do trabalho. Mas não saía nem de perto do bairro que passara a chamar de lar. Em vez disso, Grace corria pela Madison Avenue enquanto domava os cabelos cacheados em um coque baixo e tirava o cardigã verde-menta, apesar do frio, para Frankie não notar que era exatamente o mesmo que ela usara no dia anterior e pensasse o impensável: que Grace não dormira em casa.

Examinou seu reflexo na vitrine de uma loja. Queria que a loja estivesse aberta, para poder comprar alguma maquiagem que cobrisse as marcas no pescoço e passar uma amostra de perfume para disfarçar o fedor de conhaque do dia anterior misturado ao delicioso — mas errado — cheiro da loção pós-barba de Mark, que a deixava tonta e envergonhada a cada inspiração. Um bêbado estava sentado na esquina, gemendo sozinho enquanto dormia. Grace sentiu uma pontada de solidariedade quando o notou, com a pele pálida e sem vida. Ouviu um estrondo ecoando no beco ao lado, alguma lata de lixo sendo revirada, rimbombando no mesmo ritmo das batidas de sua cabeça. Nova York inteira parecia meio enjoada e de ressaca. Ou talvez Grace estivesse confundindo a cidade com ela mesma.

O vento gelado de fevereiro fustigava a Madison Avenue, chicoteando as bandeiras penduradas nos arranha-céus. Um velho jornal amassado dançava sobre a sarjeta. Os sinos da igreja de Saint Agnes marcando 9h30, e Grace se apressou, a pele umedecendo sob a gola conforme apertava o passo. A estação Grand Central se assomava ao longe. Só mais um pouquinho, então poderia virar à esquerda na 42nd Street e pegar o ônibus expresso na Lexington, que a levaria finalmente para a Downtown.

Mas, quando chegou perto da esquina certa, percebeu que a 42nd Street estava interditada. Três carros da polícia estavam enfileirados, bloqueando o acesso à Madison Avenue, impedindo qualquer um de seguir pela rua. A princípio, Grace suspeitou que fosse um acidente de carro, notando o Studebaker preto capotado do outro lado da rua, soltando fumaça do motor. Naquele dia, as ruas de Midtown andavam ainda mais entupidas de carros, que disputavam espaço com ônibus, táxis e caminhões de entrega. Mas não parecia haver mais nenhum veículo envolvido no tal acidente. Uma única ambulância estava parada na esquina, e os médicos não pareciam ter pressa; estavam encostados no veículo, fumando.

Grace foi até um policial, cujo rosto gordo saltava direto da gola alta e apertada do uniforme azul-marinho de botões dourados.

— Com licença, a rua vai ficar interditada por muito tempo? Estou atrasada para o trabalho.

O policial a encarou com desdém por baixo da aba do quepe, como se fosse ridículo pensar em uma mulher com emprego, apesar de todas as mulheres que trabalhavam diligentemente nas fábricas, substituindo os homens que tinham se alistado e partido para a guerra.

— Não dá para passar por aqui — respondeu, em tom autoritário. — E não vai ser liberado tão cedo.

— O que aconteceu? — perguntou, mas o policial virou as costas para ela.

Grace deu mais um passo, tentando ver.

— Uma mulher morreu atropelada — informou um sujeito de boina.

Grace notou o para-brisa estilhaçado do Studebaker, sentindo uma náusea repentina.

— Que tragédia — comentou, por fim.

— Eu não vi — respondeu o homem. — Mas disseram que ela morreu na hora. Pelo menos não sofreu.

Pelo menos. Grace ouvira isso vezes demais, depois da morte de Tom. Pelo menos ela ainda era jovem. Pelo menos não tinham filhos — como se aquilo tornasse as coisas mais fáceis. (Às vezes achava que filhos não teriam sido um fardo, e sim um pedacinho dele ali para sempre.)

— Nunca se sabe quando vai tudo acabar — refletiu o sujeito.

Grace não respondeu. A morte de Tom também fora inesperada: o jipe capotara no caminho da base militar até a estação de trem na Geórgia, justo quando ele ia para Nova York visitá-la antes de partir para a Europa. A morte foi anunciada como uma baixa de guerra, mas fora apenas mais um acidente que poderia ter acontecido em qualquer lugar.

O flash da câmera de um repórter acendeu, e Grace cobriu os olhos e se afastou, assustada. Não podia ser vista no meio daquilo tudo. Era o exato oposto do anonimato de que precisava quando se mudara para aquela cidade. Afastou-se, ainda meio cega, abrindo caminho pela multidão de curiosos, procurando um pouco de ar fresco em meio à nuvem de fumaça de cigarro, suor e perfume.

Finalmente longe da barricada, Grace parou e olhou para trás. Toda a 42nd Street estava bloqueada, para o outro lado, então não teria como passar. Voltar por onde viera e dar a volta até o outro lado da estação levaria pelo menos mais meia hora, atrasando-a mais ainda para o trabalho. Praguejou mais um pouco, resmungando sobre a insensatez da noite anterior. Se não fosse Mark, não estaria ali, sem escolha a não

ser atravessar por dentro da Grand Central — o único lugar ao qual jurara nunca mais voltar.

Grace se virou para o prédio. A estação se assomava diante dela, sua sombra enorme obscurecendo a calçada. As pessoas entravam direto pelas portas enormes, sem nem parar. Imaginou o interior da estação, o átrio onde a luz entrava pelas janelas de vidro colorido, o grande relógio, ponto de encontro de amigos e amantes. A parte insuportável não era ver o lugar, e sim as pessoas. As mulheres de batom vermelho recém-aplicado, lambendo os dentes da frente para ter certeza de que não estavam manchados, segurando a bolsa junto ao peito, ansiosas. Crianças saídas do banho parecendo um tanto receosas com a chegada do pai de quem não lembravam, porque o homem tinha ido embora quando ainda eram praticamente bebês de colo. Os soldados com o uniforme amassados da viagem desembarcando na plataforma, trazendo margaridas murchas em uma das mãos. Grace jamais teria esse reencontro.

Melhor desistir, ir para casa. Estava louca por um banho, talvez também uma soneca. Mas precisava ir ao trabalho. Frankie tinha entrevistas com uma família francesa às dez, precisava que ela elaborasse a ata. E depois os Rosenberg passariam por lá, atrás dos documentos para garantir sua moradia. Coisas que ela em geral adorava no trabalho: poder esquecer de seus problemas e mergulhar nos dos outros. Mas, naquele dia, a responsabilidade parecia um peso.

Não, precisava ir, e só havia um caminho. Endireitando as costas, Grace disparou na direção da Grand Central.

Atravessou a porta. Era a primeira vez que entrava ali desde a tarde em que chegara de Connecticut, usando seu melhor vestido plissado, os cabelos perfeitamente arrumados, presos em rolinhos de cada lado da cabeça, arrematados com um chapeuzinho casquete. Tom não desembarcara do trem das 15h15 vindo da Filadélfia, conforme o combinado, e ela simplesmente achara que o noivo perdera a conexão. Mas, como ele também não chegara no trem seguinte, Grace ficara um

pouco nervosa. Tinha até verificado o quadro de avisos ao lado do balcão de informações no centro da estação, onde as pessoas às vezes colavam bilhetes, para ver se Tom chegara mais cedo, ou se talvez tivessem se desencontrado. Não havia como entrar em contato com ele, então lhe restava apenas esperar. Comera um cachorro-quente, que borrara o batom e deixara um gosto amargo na língua; lera as manchetes do jornal em um dos quiosques pela segunda, e depois terceira vez. Os trens chegavam e se esvaziavam, derramando soldados pela plataforma — todos podiam ser Tom, mas não eram. Depois do último trem da noite, às 20h30, Grace já estava desesperada de preocupação. Tom jamais a deixaria esperando daquele jeito. O que acontecera? Até que, finalmente, um tenente de cabelos acaju que ela reconhecera da cerimônia de posse de Tom, viera em sua direção, uma expressão de horror estampada no rosto. E ela soubera na hora. Sentira as mãos estranhas daquele homem a segurando quando seus joelhos cederam.

E, passando ali outra vez, depois de tanto tempo, a estação tinha a mesma aparência daquela noite fatídica: um rio eficiente e interminável de viajantes e pessoas indo trabalhar, imperturbadas pelo lugar de destaque que o local ocupara em sua cabeça, todos aqueles meses. *Continue andando*, ordenou a si mesma, a larga saída do lado oposto da estação brilhando como um farol, chamando-a. Não precisava parar ali e ficar lembrando.

Sentiu uma coisa estranha na perna, pareciam as unhas afiadas de uma criancinha. Parou e examinou, mas era só um rasgo na meia-calça. Será que tinham sido as mãos de Mark? O rasgo ficava maior a cada passo, já quase um rombo na canela. A vontade de tirar a meia surgiu de repente, com urgência.

Correu até as escadas que davam para o banheiro público do andar inferior. Tropeçou enquanto tentava desviar de um banco e quase caiu. Virou o pé, e uma onda de dor irradiou até o tornozelo. Grace foi mancando até o banco e levantou o pé, presumindo que o salto que

não consertara direito tivesse desencaixado outra vez. Mas o sapato ainda estava intacto. Olhou melhor, e notou que tropeçara em alguma coisa que despontava por baixo do banco. Uma mala marrom, enfiada ali sem muito cuidado. Grace olhou ao redor, irritada, perguntando-se quem poderia ter sido tão irresponsável a ponto de deixar a mala daquele jeito, mas não havia ninguém por perto, e todos que passavam nem pareciam notar a estranha bagagem. Talvez o dono tivesse ido ao banheiro ou comprar um jornal. Enfiou a mala um pouco mais para baixo do banco, de modo que ninguém mais pudesse tropeçar, e seguiu em frente.

Do lado de fora do banheiro feminino, viu um homem de uniforme esfarrapado sentado no chão. Por um breve instante, sentiu-se grata por Tom não ter vivido para que a guerra o destruísse daquela forma. Sempre teria uma imagem imaculada dele, perfeito e forte. Tom não tivera o azar de voltar para casa traumatizado, como tantos soldados, todos se esforçando para parecerem fortes, apesar do estrago mental. Enfiou a mão no bolso em busca de suas últimas moedas, tentando não pensar no café que tanto queria e que sem o qual teria que ficar. Deixou as moedas na mão rachada do sujeito. Simplesmente não havia como fingir que ele não estava ali.

Grace entrou no banheiro e se trancou em um cubículo reservado para tirar a meia-calça. Depois, foi até o espelho, ajeitou os cabelos pretos como nanquim e reaplicou o batom da Coty, sentindo, no gosto de cera, tudo que acontecera na noite anterior. Na pia ao lado, uma mulher mais nova passava a mão sobre a barriga redonda, coberta pelo casaco. As grávidas pareciam despontar por toda parte, fruto de tantos reencontros felizes com os rapazes que voltavam da guerra. Grace sentia o olhar da mulher, julgando sua aparência desgrenhada. *Ela sabia.*

Lembrando-se de que ficara ainda mais atrasada para o trabalho, Grace saiu correndo do banheiro. Enquanto atravessava a estação mais uma vez, notou a mala na qual quase tropeçara minutos antes. Ainda

estava embaixo do banco. Diminuindo o passo, foi até lá e olhou em volta, querendo ver se alguém viria atrás da bagagem solta.

Ninguém apareceu, e Grace se ajoelhou para examinar a mala. Não era nada extraordinária: uma borda arredondada, como mil outras valises que os viajantes levavam pela estação todos os dias, com a alça gasta de madrepérola um tanto mais bonita que a maioria. Só que a mala não estava sendo levada para lugar algum; estava largada debaixo de um banco. *Abandonada*. Será que fora perdida? Grace hesitou, lembrando-se de uma história da época da guerra sobre uma mala que na verdade era uma bomba. Mas aquilo já passara; o perigo das invasões ou de mais um ataque, que antes parecia permear cada esquina, fora eliminado.

Grace examinou a mala em busca de algum sinal de seu dono. Um nome fora escrito a giz na lateral. Teve a triste lembrança de alguns clientes de Frankie, sobreviventes dos campos que tinham sido forçados a escrever os nomes em suas malas, depois da falsa promessa dos alemães de que algum dia reaveriam seus pertences. Aquela mala tinha uma única palavra: *Trigg*.

Grace considerou suas opções: falar com algum funcionário ou simplesmente ir embora. Estava atrasada para o trabalho. Mas a curiosidade não a deixava em paz. Talvez houvesse alguma identificação dentro da mala. Mexeu no fecho, que se abriu quase que por conta própria, então acabou erguendo um pouco a tampa. Olhou por cima do ombro, sentindo como se alguém fosse flagrá-la fazendo algo errado. Então examinou dentro da mala. Estava arrumada, com uma escova de cabelo prateada e uma barra de sabão de lavanda da Yardley em um dos cantos, cheia de roupas femininas muito bem dobradas. Um par de sapatinhos de bebê repousava no fundo da mala, mas nenhum outro sinal de roupas de criança.

De repente, estar mexendo naquilo pareceu uma invasão de privacidade imperdoável (o que de fato era, claro). Grace foi fechar a mala, mas, enquanto puxava a mão para fora, alguma coisa cortou seu

dedo indicador, e ela não conseguiu conter um gritinho. Era um corte de mais ou menos dois centímetros de comprimento, o sangue já escorrendo. Levou o dedo até a boca e chupou o ferimento, tentando estancar o sangramento. Enfiou a outra mão dentro da mala, querendo descobrir o que cortara seu dedo, se era uma lâmina ou faca. Debaixo das roupas havia um envelope, talvez com meio centímetro de espessura. O corte fora feito pela beirada afiada do papel. *Deixe isso aí*, dizia uma voz em sua cabeça. Mas, sem conseguir se conter, ela abriu o envelope.

Dentro havia uma série de fotografias, envoltas cuidadosamente em um pedaço de renda. Grace as tirou do envelope, e uma gota de sangue escorreu de seu dedo até a renda, manchando-a. Eram mais ou menos dez fotos, cada uma com o retrato de uma única jovem. As mulheres eram diferentes demais para serem parentes. Algumas usavam uniformes militares, outras, blusas ou blazers impecavelmente passados. Nenhuma devia ter mais que 25 anos.

Segurar as fotos daquelas estranhas parecia íntimo demais. Queria guardá-las de volta, esquecer o que vira. Mas os olhos da jovem na primeira foto eram escuros e convidativos. Quem poderia ser?

Foi então que ouviu as sirenes de fora da estação e sentiu que eram para ela: a polícia estava vindo prendê-la por ter aberto a bagagem de outra pessoa. Grace se atrapalhou para embrulhar as fotos de volta, às pressas, e recolocar tudo dentro da mala. A renda se amontoava, e não conseguiu guardar o embrulho de volta dentro do envelope. As sirenes estavam cada vez mais altas. Não havia tempo. Em movimentos furtivos, enfiou as fotos dentro da própria bolsa e empurrou a mala de volta para baixo do banco com o pé, de modo que ficasse fora de vista.

Então correu para a saída, o corte em seu dedo latejando.

— Eu devia ter imaginado que entrar nessa estação não podia dar em boa coisa — murmurou para si mesma.

CAPITULO DOIS

ELEANOR

Londres, 1943

O Diretor estava furioso.

Ele bateu a mão enorme, que mais parecia uma pata, com tanta força na longa mesa de conferência que as xícaras balançaram e transbordaram o chá até o pires. A galhofa e a conversa habitual da reunião matinal se reduziu a puro silêncio. O rosto dele estava vermelho.

— Mais dois agentes capturados — esbravejou, sem se dar o trabalho de baixar a voz.

Uma das datilógrafas que passava pelo corredor parou, encarando a cena de olhos arregalados antes de se afastar, apressada. Eleanor se levantou correndo para fechar a porta, abanando a nuvem de cigarro que se acumulara acima de todos.

— Sim, senhor — gaguejou o capitão Michaels, adido da Força Aérea Real. — Os agentes deixados perto de Marselha foram presos horas após a chegada. Não tivemos mais notícias, e presumimos que tenham sido mortos.

— Quem eram? — inquiriu o Diretor.

Gregory Winslow, diretor de Operações Especiais, fora coronel do exército, altamente condecorado na Grande Guerra. Apesar dos quase 60 anos, continuava uma figura imponente, conhecido apenas como “o Diretor” para todos nos quartéis-generais.

O capitão Michael pareceu atordoado com a pergunta. Para os homens que comandavam a operação de longe, agentes em campo eram apenas peças de xadrez sem nomes.

Mas não para Eleanor, sentada ao lado dele.

— Harry James. Canadense formado na Magdalen College, de Oxford. Ewan Peterson, que era da Força Aérea Real. — Ela sabia de cor os detalhes de cada homem que tinham enviado para campo.

— É a segunda prisão este mês. — O Diretor mordeu a ponta do cachimbo, mas não fez menção de acendê-lo.

— Terceira — corrigiu Eleanor com toda a delicadeza, sem querer enfurecê-lo mais ainda, mas também sem querer mentir.

Quase três anos tinham se passado desde a autorização de Churchill para criar a Executiva de Operações Especiais, conhecida como SOE, na língua original, e sua ordem de “atear fogo à Europa” com sabotagem e subversão. Desde então, a SOE mobilizara cerca de trezentos agentes no continente para desestabilizar fábricas de munição e linhas de trem. A maioria fora direcionada para a França, como parte da unidade chamada “Seção F”, que tinha o objetivo de enfraquecer a infraestrutura e armar os partidários franceses antes da muito falada e aguardada invasão dos Aliados.

Mas, além dos muros de sua sede, na Baker Street, a SOE não era vista como um enorme sucesso. A agência britânica de Inteligência, a MI6, e algumas das outras agências tradicionais do governo ressentiam-se da sabotagem da SOE, que viam como amadora e nociva para suas próprias — e mais clandestinas — operações. O sucesso dos esforços da SOE também era difícil de quantificar, fosse porque tais esforços eram secretos, fosse porque seus efeitos só seriam sentidos na invasão. Para completar, as coisas tinham começado a dar errado, e cada vez mais de seus agentes eram presos. Talvez o problema fosse o tamanho da operação, que os tornava vítimas do seu próprio sucesso? Ou seria algo totalmente diferente?

O Diretor a encarou, como um leão que acabava de descobrir uma nova presa.

— Que diabo está acontecendo, Trigg? Eles estão mal preparados? Cometendo erros?

Eleanor ficou surpresa. Chegara à SOE como secretária, logo após a criação da organização. Sua contratação fora uma batalha: além de ser mulher, era polonesa — e judia. Poucos achavam que ela pertencia ao lugar. Muitas vezes, Eleanor se perguntava como, de seu pequeno vilarejo perto de Pinsk, chegara aos saguões do poder em Londres. Mas persuadira o Diretor a lhe dar uma chance, e, com suas habilidades, conhecimento, atenção meticulosa aos detalhes e memória enciclopédica, ganhara a confiança. Apesar do título e do salário terem permanecido os mesmos, Eleanor virara uma espécie de conselheira. O Diretor insistia para que ela se sentasse à mesa de conferência, imediatamente à sua direita, em vez de com as outras secretárias, nos cantos — Eleanor suspeitava que o Diretor fizera isso em parte para compensar o fato de ser surdo daquele lado, coisa que não admitia a mais ninguém. Logo após a reunião, Eleanor sempre se reunia a sós com ele para resumir tudo que fora discutido, se certificando que o homem não perdera nenhum detalhe.

Mas era a primeira vez em que o Diretor pedia a sua opinião na frente dos outros.

— Com todo o respeito, senhor, o problema não é nem o treinamento nem a execução.

Eleanor de repente se deu conta de todos os olhares voltados para si. Ela se orgulhava da discrição na agência, sempre chamando o mínimo de atenção possível. Mas, agora, seu “disfarce”, por assim dizer, fora exposto, e os homens a observavam com ceticismo.

— Então o que é? — insistiu o Diretor, a habitual falta de paciência piorando ainda mais.

— É que são homens. — Eleanor escolheu as palavras com cuidado, sem permitir que a irritação do chefe a apressasse, querendo fazê-lo entender sem que ficasse ofendido. — A maioria dos jovens franceses não está mais nas cidades. Foram recrutados pelo exército da Legião de Voluntários Franceses, a LVF, ou estão lutando, ou foram presos por se recusarem a lutar. É impossível para os nossos agentes se misturarem.

— E o que fazemos? Mandamos todos para campo?

Eleanor balançou a cabeça. Os agentes não podiam se esconder. Precisavam poder interagir com os locais para obter informações. As pessoas que importavam eram a garçonete em Lautrec, ouvindo os soldados conversarem depois de beberem vinho demais; ou a esposa do fazendeiro, notando mudanças nos trens que passavam pelos campos. A verdadeira informação vinha das observações do cotidiano. E os agentes precisavam fazer contato com as *réseaux*, as redes locais de resistência, para fortalecer seus esforços em subverter os alemães. Não, os agentes da Seção F não podiam operar entocados em porões e cavernas.

— Então o quê? — pressionou o Diretor.

— Há outra opção...

Eleanor hesitou, e o chefe a encarou, impaciente. Claro que sabia o que dizer, mas o que estava prestes a declarar era tão audacioso que precisava de coragem para prosseguir. Ela respirou fundo.

— Envie mulheres.

— Mulheres? Como assim?

Eleanor tivera a ideia semanas antes, vendo uma das mulheres da sala do rádio decodificar a mensagem que chegara de um agente em campo na França. *Um talento desperdiçado*, pensara. A garota devia estar operando em campo. A ideia era tão estranha que demorara para se cristalizar em sua própria mente. E não tinha a intenção de revelar aquilo ali, na reunião — talvez não fosse dizer aquilo nunca —, mas a ideia saía, mesmo ainda não completamente formada.

— Isso mesmo.

Eleanor ouvira falar sobre agentes mulheres, espiãs independentes trabalhando sozinhas no leste, levando mensagens e ajudando prisioneiros de guerra a escapar. Era comum na Primeira Guerra, provavelmente mais do que as pessoas imaginavam. Mas criar um programa formal para treinar e mobilizar mulheres era uma coisa completamente diferente.

— Mas o que elas *fariam*? — indagou o Diretor.

— A mesma coisa que os homens — respondeu Eleanor, irritada por precisar explicar algo óbvio. — Levar mensagens. Transmitir informações pelo rádio. Armar os partidários, explodir pontes.

As mulheres tinham assumido todo tipo de papel na frente interna, atuavam mais apenas como enfermeiras ou guardas locais. Tinham passado a operar armamentos antiaéreos e pilotar aviões. Por que era tão difícil de aceitarem e compreenderem que mulheres também poderiam ser agentes?

— Um setor feminino? — interveio Michaels, mal contendo o ceticismo na voz.

Eleanor se virou para o Diretor, ignorando o sujeito.

— Pense só, senhor — continuou, a ideia ganhando corpo conforme se firmava em sua mente. — Há poucos homens jovens na França, mas há mulheres de sobra. Elas se misturam nas ruas, nas lojas e nos cafés. Quanto às outras mulheres que já trabalham aqui...

Ela hesitou, pensando nas operadoras de rádio sem fio que trabalhavam incansavelmente para a SOE. Por um lado, eram perfeitas: habilidosas, familiarizadas, totalmente comprometidas com a causa. Mas os mesmos recursos que as tornavam ideais também as tornavam inúteis em campo. Estavam enraizadas demais para treinar como operadoras, e já tinham visto muito, sabiam demais para serem redistribuídas.

— Elas também não servem. Precisamos de novas recrutas.

— Mas onde as encontraríamos? — perguntou o Diretor, começando a considerar a ideia.

— Nos mesmos lugares em que encontramos os homens. — Era verdade que não tinham corpos de oficiais dos quais recrutar. — Da Women Army Cops, as WAC, ou das enfermeiras do First Aid Nursing Yeomanry, a FANY, talvez de universidades e escolas profissionalizantes, nas fábricas ou na rua. — Não havia currículo ideal para um agente, não existia um diploma específico. Era mais uma

questão de sentir que a pessoa poderia fazer aquele tipo de trabalho. — E buscaremos o mesmo tipo: gente inteligente, adaptável, fluentes em francês...

— Essas mulheres precisariam ser treinadas — ressaltou Michaels, fazendo aquilo parecer um obstáculo insuperável.

— Os homens também precisam — retrucou Eleanor. — Ninguém nasce sabendo fazer o trabalho.

— E depois? — indagou o Diretor.

— Depois as enviamos para campo.

— Senhor — interveio Michaels —, as Convenções de Genebra proíbem expressamente o uso de mulheres combatentes.

Os homens à mesa assentiram, parecendo concordar com o argumento.

— As convenções proíbem muitas coisas — retrucou Eleanor. Conhecia todos os cantinhos escuros da SOE, as maneiras pelas quais a agência e os chefes driblavam regras e fugiam da lei, no desespero da guerra. — Podemos torná-las parte das FANY, como cobertura.

— Estaríamos arriscando a vida de esposas, filhas e mães — insistiu Michaels.

— Eu não gosto da ideia — declarou um dos homens uniformizados, na ponta oposta da mesa.

Eleanor sentiu o coração mais apertado de nervoso. O Diretor não era um líder muito determinado. Se todos apoiassem Michaels, ele talvez desistisse da ideia.

— E gostam da ideia de continuar perdendo alguns homens para os alemães a cada quinzena? — disparou Eleanor, mal acreditando na própria ousadia.

— Vamos tentar essa abordagem — decretou o Diretor, em um momento de resolução atípico, encerrando qualquer debate. Olhou para Eleanor. — Monte um escritório na Norgeby House e me avise do que vai precisar.

— Eu? — perguntou ela, surpresa.

— A ideia foi sua, Trigg. É você quem vai cuidar dessa droga.

Eleanor se retraiu um pouco com a insensibilidade do Diretor, lembrando-se das mortes que haviam discutido minutos antes.

— Senhor — interrompeu Michaels —, não acho que a srta. Trigg seja qualificada. Sem querer ofendê-la — acrescentou, inclinando a cabeça na direção dela.

Os homens a encaravam com desconfiança.

— Não ofendeu.

Fazia tempo que Eleanor deixara de sofrer com o desdém dos homens da SOE.

— Senhor — chamou o oficial do exército, no outro extremo da mesa. — Também acho a srta. Trigg uma escolha improvável. Com o histórico dela...

Os outros homens assentiram, seus olhares céticos acompanhados por alguns murmúrios. Eleanor podia senti-los analisando-a, duvidando de sua lealdade. *Ela não é uma de nós*, pareciam dizer seus rostos, *não é confiável*. Apesar de tudo que fazia pela SOE, ainda era vista como inimiga. Forasteira, estrangeira. Não por falta de esforço. Trabalhara duro para se misturar, para eliminar qualquer vestígio de sotaque. E dera entrada no pedido de cidadania britânica. Seu pedido de naturalização fora negado uma vez, por questões que nem o Diretor, com todo o seu poder e autorizações, pudera descobrir. Então, Eleanor dera entrada em um novo pedido, alguns meses antes, com uma carta de recomendação dele, esperando que aquilo fizesse diferença. Até agora, não tivera resposta.

Eleanor pigarreou, preparada para desistir. Mas o Diretor falou primeiro:

— Eleanor, monte o escritório. E comece a recrutar e a treinar essas mulheres o mais depressa possível.

Ele ergueu a mão, encerrando mais alguma possível discussão.

— Sim, senhor.

Eleanor manteve a cabeça erguida, sem querer desviar o olhar de todos que a encaravam.

Depois da reunião, ela aguardou todos saírem e abordou o Diretor.

— Senhor, eu não acho que...

— Bobagem, Trigg. Todos sabemos que você é o homem certo para o trabalho, perdoe-me a expressão. Até os militares, apesar de não quererem admitir nem entenderem bem por quê.

— Mas, senhor, mesmo se isso for verdade, eu sou estrangeira. Não tenho influência aqui.

— Você é estrangeira, o que é exatamente uma das coisas que a tornam perfeita para a posição. — Ele abaixou o tom de voz. — Estou cansado de tudo ser prejudicado pela política. Você não vai deixar nenhuma lealdade pessoal ou qualquer outra preocupação interferirem em seu julgamento.

Eleanor assentiu, sabendo que era verdade. Não era casada, não tinha filhos nem outras distrações. A missão era a única coisa que importava — e sempre fora.

— Tem certeza de que não posso ir? — perguntou, já sabendo a resposta.

Apesar de lisonjeada por ser indicada para coordenar a operação feminina, não seria nem de longe tão bom quanto de fato ser mandada para atuar em campo.

— Sem a papelada, não haveria como. — Ele estava certo, é claro. Em Londres, Eleanor podia conseguir ocultar suas origens. Mas arranjar a documentação para sair do país, ainda mais com o pedido de cidadania pendente, seria muito mais difícil. — De qualquer forma, isso é muito mais importante. Agora você é chefe de um departamento. Precisamos que recrute as garotas. Que as treine. Precisa ser alguém em quem elas confiem.

— Eu? — Eleanor sabia que as outras mulheres da SOE a achavam fria e distante, não o tipo que convidariam para almoçar ou tomar um chá, muito menos alguém em quem confiariam.

— Eleanor — continuou o Diretor, a voz baixa e séria, os olhos penetrantes —, poucos de nós estamos onde achamos que estaríamos quando a guerra começou.

Aquilo era mais verdadeiro do que ele poderia saber. Eleanor pensou no que estava sendo pedido. Uma chance de tomar as rédeas, de tentar consertar todos os erros que fora forçada a assistir de fora durante todos aqueles meses, impotente demais para agir. Apesar de estar a um passo de ser de fato enviada como agente, seria uma oportunidade de fazer muito mais pela causa.

— Precisamos que a senhorita descubra onde as garotas se encaixam e que as faça chegar lá — continuou o Diretor, como se estivesse tudo resolvido, e ela tivesse aceitado.

Eleanor estava em um impasse. A ideia de assumir o cargo era muito atraente. Ao mesmo tempo, a enormidade da tarefa se abria diante dela, como cartas de um baralho dispostas na mesa. Os homens já tinham passado por tanta coisa... Por mais que, no fundo, soubesse que as mulheres eram a solução, prepará-las para agir seria um trabalho hercúleo. Era demais, o tipo de envolvimento — e exposição — que não podia ter.

Então olhou para a parede, onde estavam as fotos dos agentes da SOE mortos em campo, jovens que tinham dado tudo para guerra. Imaginou a inteligência de segurança alemã, a *Sicherheitsdienst*, a SD, na sede francesa, na avenida Foch, em Paris. A SD era encabeçada pelo infame *Sturmbannführer* Hans Kriegler, ex-comandante de campo de concentração e alguém que, pelos arquivos, era tão ardiloso quanto cruel. Havia relatos de ele usar filhos dos moradores locais para coagi-los a confessar e de pendurar prisioneiros vivos em ganchos de açougue, para obter informações antes de deixá-los para morrer. Sem dúvida, estava planejando a morte de mais agentes naquele exato momento.

E foi então que Eleanor concluiu que não havia escolha a não ser aceitar a tarefa.

— Tudo bem. Vou precisar de controle total — acrescentou. Era sempre importante falar primeiro na hora de estabelecer os termos.

— E terá.

— E só me reportarei a você.

Em determinadas circunstâncias, os setores especiais podiam ter que se reportar através de um dos representantes do Diretor. Eleanor olhou de canto de olho para Michaels, que perambulava pelo corredor. Ele e os outros homens não ficariam nem um pouco felizes por ela ter mais atenção do Diretor do que já tinha.

— *A você* — repetiu, para dar ênfase, querendo ser muito bem compreendida.

— Sem interferências burocráticas — confirmou o Diretor. — Você só se reportará a mim.

Eleanor notou o desespero na voz dele. O Diretor também precisava que ela fizesse aquilo dar certo.

CAPITULO TRES

MARIE

Londres, 1943

O último lugar no qual Marie esperaria ser recrutada como agente secreta (se é que algum dia esperaria uma coisa daquelas) seria em um banheiro.

Uma hora antes, Marie estava sentada a uma mesa junto à janela do Town House, um café silencioso que ela frequentava na rua York, saboreando alguns minutos de quietude após um dia de digitação interminável no sujo anexo do Departamento de Guerra, onde começara a trabalhar como datilógrafa. Já pensava no fim de semana seguinte, com seus dois dias de folga, e sorria, imaginando Tess, com seus 5 anos e dentinhos tortos que certamente já estariam mais crescidos. Este era o problema em só ver a filha no fim de semana: parecia perder anos naqueles dias entre visitas. Queria estar no interior com a filha, brincando perto do riacho e colecionando pedras. Mas alguém precisava trabalhar, ganhar algumas libras para manter os reparos e evitar que fossem despejadas da antiga casa geminada no distrito de Maida Vale — isso presumindo que as bombas não acabariam com tudo.

Ouviu um barulho alto ao longe, um estrondo que fez os pratos na mesa chacoalharem. Marie levou um susto, e instintivamente pegou a máscara de gás que ninguém mais carregava desde o fim da *Blitz*. Olhou pela janela de vidro laminado do café. Lá fora, a chuva inundava as ruas, e um menino de 8 ou 9 anos tentava raspar pedaços de carvão do cimento. Seu coração se apertou. Onde estaria a mãe dele?

Lembrou-se de quando, mais de dois anos antes, resolvera mandar Tess para longe. A princípio, a ideia de não estar com a filha era quase impensável. Até que uma bomba atingira os apartamentos do outro lado da rua, matando sete crianças. Pela graça de Deus, Tess não fora uma delas. Na manhã seguinte, Marie começara os preparativos.

Pelo menos Tess estava com a tia Hazel — que era mais uma prima, além de bastante austera, mas que mesmo assim gostava da garotinha. E Tess adorava a antiga casa paroquial onde fora morar, em East Anglia, com seus muitos armários e lugares cheios de mofo nos quais se esconder. Ela podia correr livremente pelos pântanos quando o tempo estava bom, e ajudava Hazel com o seu trabalho na agência postal quando chovia. Marie não conseguia se imaginar colocando sua menina em um trem destinado a um convento gelado no campo ou sabe-se Deus onde, para os braços de estranhos. Vira essa cena se repetindo em King's Cross quase todas as sextas-feiras do ano anterior, quando ia para o norte visitar Tess: mães contendo as lágrimas enquanto ajeitavam os casacos e cachecóis dos filhos, irmãos mais novos agarrados aos mais velhos, crianças com malas grandes demais chorando sem parar, tentando escapar pelas janelas dos vagões. Aquilo tornava quase insuportáveis as duas horas de viagem até poder abraçar Tess. Ficava com a filha até domingo, até Hazel lembrá-la de que era melhor pegar o último trem, para não perder a hora. A filha estava segura e bem e com alguém da família. Mas isso não tornava menos insuportável o fato de ainda ser uma quarta-feira.

Será que já devia ter trazido Tess de volta? A dúvida a atormentava nos últimos meses, conforme via a enxurrada de crianças voltando à cidade. A *Blitz* já acabara havia muito, e uma espécie de normalidade se instalara outra vez na cidade, agora que ninguém mais precisava passar as noites nas estações de metrô. Mas a guerra estava longe de ser vencida, e Marie tinha a sensação de que ainda havia coisa muito pior por vir.

Deixando as dúvidas de lado, Marie tirou um livro da bolsa. Era de poesias de Baudelaire, que ela amava, porque os versos elegantes a levavam de volta a dias mais felizes, quando ainda era uma criança passando o verão na costa da Bretanha, com a mãe.

— Com licença — disse um sujeito, alguns instantes depois.

Marie levantara a cabeça, irritada com a interrupção. O sujeito tinha cerca de 40 anos, era magro e parecia muito comum, com os óculos e o casaco esportivo de tweed. Havia um *scone* intocado no prato da mesa ao lado, da qual o homem se levantara.

— Fiquei curioso para saber que livro é esse — explicou o sujeito.

Marie se perguntou se o homem estava tentando paquerá-la. Essas intrusões tinham se tornado frequentes, com todos os soldados americanos na cidade saindo dos pubs em pleno meio-dia e andando em trios nas ruas, as risadas dissonantes pondo fim à calmaria.

Mas o sujeito tinha sotaque britânico, e sua expressão branda não dava nenhum sinal de ser imprópria. Marie levantou o livro para ele ver.

— Se importaria de ler um pouco para mim? — pediu o homem. — Não sei falar francês.

— Na verdade acho que eu não... — começou a negar Marie, surpresa com o estranho pedido.

— Por favor — insistiu ele, interrompendo-a, em uma voz quase suplicante. — Seria uma grande gentileza.

Marie se perguntou por que aquilo parecia tão importante para ele. Talvez tivesse perdido alguém francês ou, quem sabe, fosse um veterano que lutara lá.

— Certo — concedeu. Alguns versos não fariam mal.

Começou a ler do poema “N’importe où hors du monde” [Em qualquer lugar fora do mundo]. A voz começou tímida, mas aos poucos Marie foi se sentindo mais confiante.

Depois de algumas frases, parou.

— O que achou?

Marie esperava que o homem fosse pedir para ela ler mais, mas ele não pediu.

— Você estudou francês?

— Não, mas sei falar. Minha mãe era francesa, e passávamos verões lá, quando eu era criança.

Na verdade, viajavam no verão para fugir do pai, um bêbado raivoso que não conseguia arranjar nem manter emprego e se ressentia da criação e do dinheiro da família de sua mãe, além de achar uma decepção que Marie não fosse menino. Era por isso que ia com a mãe para a França no verão. E era por isso que, aos 18 anos, fugira de Herefordshire Manor, onde fora criada, para Londres, e adotara o sobrenome da mãe. Sabia que acabaria morta se ficasse na casa que passara a infância inteira odiando, tendo que conviver com o temperamento cada vez pior do pai.

— Seu sotaque é extraordinário — observou o sujeito. — Quase perfeito.

Como ele pode saber, se não fala francês?, perguntou-se Marie.

— Está empregada? — indagou ele.

— Sim. — A mudança de assunto fora abrupta, a pergunta era pessoal demais. Marie se levantou apressada, procurando moedas na bolsa para pagar. — Sinto muito, mas preciso ir.

O homem levantou o braço; quando ela olhou, viu que ele estava oferecendo um cartão de visita.

— Não quis ser rude. Só estava pensando se você gostaria de um emprego. — Ela pegou o cartão. Dizia apenas *Baker Street, 64*. Não continha nenhum nome, nem de uma pessoa nem do escritório. — Procure por Eleanor Trigg.

— E por que eu faria isso? — perguntou ela, perplexa. — Já tenho emprego.

Ele balançou a cabeça de leve.

— Esse é diferente. É um trabalho importante, e você seria ótima. E bem remunerada. Mas não posso dizer mais.

— Quando devo ir lá? — perguntou, certa de que jamais iria.

— Agora. — Marie esperava ter que marcar um horário, ou algo assim. — Então vai?

Marie deixou algumas moedas na mesa e saiu do café sem responder, ansiosa para se afastar daquele homem intrometido. Na rua, abriu o guarda-chuva e ajeitou o cachecol vinho estampado para se proteger do frio. Dobrou a esquina e parou, olhando para trás para se certificar de que não estava sendo seguida. Ela olhou mais uma vez o cartão simples em preto e branco. *Bem oficial.*

Eu poderia ter dito não, pensou. E sabia que podia simplesmente jogar o cartão fora e ir embora. Mas estava curiosa: que tipo de trabalho seria, e para quem? Talvez fosse mais interessante do que datilografar sem parar. O homem também dissera que pagava bem, algo de que precisava muito.

Dez minutos depois, Marie se viu no final da Baker Street. Parou ao lado de uma caixa postal vermelha na esquina. Nos livros, a casa de Sherlock Holmes ficava na Baker Street. Sempre imaginara uma rua misteriosa e encoberta por neblina, mas o quarteirão era como todos os outros, cheio de prédios de escritórios sem graça com lojas no térreo. Descendo a rua, viu casas de tijolos que também tinham sido transformadas em escritórios. Foi até o número 64, mas hesitou. *Inter-Services Research Bureau*, dizia a placa na porta. Do que se tratava aquilo tudo?

Antes de ter a chance de bater, alguém abriu a porta e, revelando apenas a mão, apontou para a esquerda.

— Orchard Court, na Portman Square. Vire a esquina e siga até o final da rua.

— Com licença — disse Marie, estendendo o cartão para o vazio onde parecia não haver ninguém. — Eu me chamo Marie Roux. Disseram para eu vir aqui e procurar Eleanor Trigg.

A porta se fechou.

— Isso está cada vez mais estranho — balbuciou, lembrando-se do livro preferido de Tess, *Alice no País das Maravilhas*, que Marie lia para ela durante as visitas.

Dobrando a esquina, havia mais casas geminadas. Continuou pela rua até Portman Square e achou o prédio identificado como “Orchard Court”. Marie bateu. Ninguém atendeu. Aquilo tudo estava começando a parecer uma brincadeira bem estranha. Deu meia-volta, pronta para ir para casa e esquecer aquela bobagem.

Mas, atrás dela, a porta se abriu com um rangido. Marie se virou e viu um mordomo de cabelos brancos.

— Sim? — Ele a encarou com frieza, como se ela fosse uma vendedora oferecendo algo indesejável.

Nervosa demais para falar, Marie mostrou o cartão.

O mordomo abriu um pouco mais a porta e gesticulou para que ela entrasse.

— Entre — mandou, impaciente, como se ela estivesse atrasada.

Ele a guiou por um saguão, o pé-direito alto e o lustre dando a impressão de um dia terem sido a entrada de uma bela casa. O mordomo abriu uma porta à direita, então disse, antes de passar por ela e fechá-la:

— Espere aqui.

Marie ficou esperando no saguão, sem jeito, sentindo como se não pertencesse ao lugar. Ouviu passos no andar de cima, e, quando se virou, viu um belo jovem de cabelos loiros descendo uma escada curva. Ele congelou ao vê-la.

— Então você também é parte da algazarra? — perguntou o rapaz.

— Não tenho a mínima ideia do que quer dizer.

O jovem sorriu.

— Acabou de chegar, então? — Ele não esperou resposta. — Algazarra. É como chamamos isso tudo. — Ele gesticulou para o saguão.

O mordomo reapareceu, pigarreando. Sua expressão séria deu a Marie a inegável impressão de que não devia estar conversando com aquele homem. Sem mais uma palavra, o loiro seguiu pelo corredor e desapareceu atrás do que parecia ser uma interminável série de portas.

O mordomo a levou pelo corredor e abriu a porta de um banheiro de azulejos pretos e brancos. Marie o encarou, intrigada. Não pedira para usar o banheiro.

— Aguarde aqui dentro.

Antes de Marie poder questionar, o sujeito fechou a porta, deixando-a sozinha. Ela ficou ali, desconfortável, sentindo o cheiro de limo dos ralos. Fora colocada para aguardar em um banheiro! Tinha que sair dali, mas não sabia bem como, então se sentou na beirada da banheira, cruzando os tornozelos. Aguardou por cinco minutos, que logo viraram dez.

Finalmente a porta se abriu com um clique, e uma mulher entrou. Era pelo menos 10 anos mais velha que Marie, talvez até 20. Tinha um rosto sério. A princípio, o cabelo escuro parecia curto, mas, de perto, dava para ver que estava preso em um coque apertado junto à nuca. Ela não usava maquiagem nem joias, e a camisa branca engomada estava perfeitamente passada, quase como um uniforme militar.

— Eu me chamo Eleanor Trigg, sou diretora de recrutamento. Sinto muito pelas acomodações. Estamos com pouco espaço.

A explicação parecia estranha, considerando o tamanho da casa e o número de portas que Marie vira no corredor. Mas então se lembrou do homem a quem o mordomo pareceu repreender por estar falando com ela. Talvez as pessoas que passassem por ali não devessem se encontrar.

Eleanor a examinou como se avaliasse um vaso ou uma joia, o olhar frio e implacável.

— Então já decidiu? — perguntou, como se ambas tivessem chegado ao fim de uma longa conversa, e não se conhecido trinta segundos antes.

— Decidi? — repetiu Marie, intrigada.

— Sim. Precisa decidir se quer arriscar sua vida, e eu preciso decidir se posso deixar.

Marie estava confusa.

— Lamento, mas... acho que não estou entendendo.

— Você não sabe quem somos? — Marie balançou a cabeça. — Então o que está fazendo aqui?

— Um homem me deu um cartão em um café, e... — Ela hesitou, percebendo o ridículo da situação. Sequer perguntara o nome dele. Ela se levantou. — É melhor eu ir embora.

A tal Eleanor segurou seu ombro com firmeza.

— Não necessariamente. Só porque não sabe por que veio, não quer dizer que não devia estar aqui. Muitas vezes encontramos ajuda onde menos esperávamos... ou não. — A mulher era bem brusca, pouco feminina e definitivamente severa. — Não culpe o homem que a indicou, ele não tinha autorização para dizer mais nada. Nosso trabalho é confidencial. Muitos que trabalham nos mais altos cargos da própria Whitehall não têm ideia do que fazemos aqui.

— E seria o quê, exatamente? — arriscou Marie.

— Somos um setor da Operações Especiais.

— Ah — respondeu, apesar de a resposta não ser nem um pouco esclarecedora.

— Operações secretas.

— Como os decifradores de códigos de Bletchley?

Conhecia uma garota que largara o trabalho de datilógrafa para fazer aquilo.

— Algo assim. Mas nosso trabalho é um pouco mais físico. Em campo.

— Na Europa?

Eleanor assentiu. Só então Marie entendeu: queriam mandá-la para lá, para a guerra.

— Quer que eu seja espiã?

— Não fazemos perguntas — retrucou Eleanor.

Então aquele realmente não era um lugar para ela, que sempre fora curiosa — curiosa até demais, como dizia a mãe, sempre fazendo perguntas intermináveis, que só pioravam o humor do pai, conforme Marie passava pela adolescência.

— Não somos espões — acrescentou Eleanor, como se sugerir aquilo fosse uma ofensa. — Espionagem é coisa da MI6. Em vez disso, aqui na SOE, nossa missão é sabotagem ou destruição de coisas como trilhos de trem, linhas de telégrafo, equipamentos de fábricas e tudo o mais que possa atrapalhar os alemães. Também ajudamos partidários locais a se armarem e resistirem.

— Nunca ouvi falar disso.

— Exatamente. — Eleanor pareceu quase satisfeita com aquilo.

— Mas o que os faz pensar que eu poderia participar de algo assim? Não sou qualificada.

— Bobagem. Você é inteligente, capaz...

Como é que aquela mulher, a quem acabara de conhecer, poderia saber? Talvez fosse a primeira vez na vida de Marie que alguém a descrevia assim. O pai fazia questão de que ela achasse exatamente o contrário. E Richard, o marido desaparecido, a tratara por um tempo como se ela fosse especial, mas veja só o resultado. Marie jamais pensara em si mesma como nenhuma daquelas coisas, mas notou que endireitara um pouco a postura.

— E você fala a língua. É exatamente o que estamos procurando. Já tocou algum instrumento musical?

Apesar de parecer que nada mais poderia surpreendê-la, Marie achou a pergunta estranha.

— Piano, mas quando eu era bem nova. Toquei harpa na escola.

— Pode ser útil. Abra a boca — ordenou Eleanor, assumindo um tom um pouco mais rude, autoritário. Marie tinha certeza de que escutara errado, mas a mulher parecia séria. — A boca — repetiu, insistente e impaciente.

Marie obedeceu, relutante. Eleanor examinou sua boca, como se fosse uma dentista. Marie se eriçou, ressentida com a intrusão de alguém que acabara de conhecer.

— Precisamos tirar as obturações do fundo — decretou a mulher, afastando a cabeça.

— Tirar? — Marie levantou a voz, assustada. — Mas é uma obturação ótima. Só tem um ano, e foi bem cara.

— Exatamente. Cara demais. Vai denunciar que você é inglesa. Vamos substituir por porcelana. É o que os franceses usam.

Então tudo fez sentido: o interesse do homem por sua habilidade com o francês, a preocupação de Eleanor por uma obturação ser inglesa demais.

— Querem que eu me passe por francesa.

— Entre outras coisas. Vai ser treinada em habilidades operacionais antes de ser enviada a campo. E só vai se passar no treinamento. — Eleanor falava como se Marie já tivesse aceitado a proposta. — É tudo que posso dizer por enquanto. A confidencialidade é de extrema importância para nossas operações.

Enviada a campo. Operações. Marie sentia a cabeça a mil. Parecia surreal que, naquela casa elegante, a poucos passos das lojas e do movimento da Oxford Street, uma guerra secreta contra a Alemanha estivesse sendo planejada e travada.

— O carro estará aqui em uma hora para levá-la à escola de treinamento — avisou Eleanor, como se estivesse tudo resolvido.

— Agora? Mas é rápido demais! Eu precisaria resolver alguns assuntos e fazer as malas.

— É sempre assim — respondeu Eleanor. Marie imaginou que eles talvez não quisessem dar às pessoas a chance de ir para casa e começarem a se questionar. — Vamos providenciar tudo de que você vai precisar e avisar ao Departamento de Guerra.

Marie encarou a mulher, surpresa. Não tinha mencionado seu local de trabalho. Foi então que ela percebeu que aquelas pessoas, fossem

quem fossem, sabiam demais sobre ela. O encontro no café não fora por acaso.

— Quanto tempo ficarei fora?

— Isso depende da missão e de muitas outras circunstâncias. Você pode renunciar a qualquer momento.

Vá embora, dizia uma voz que não era dela. Marie estava entrando em algo muito maior e mais profundo do que imaginara. Mas não se mexeu. Sua curiosidade tinha sido atiçada.

— Eu tenho uma filha que mora perto de Ely com minha tia. Ela tem 5 anos.

— E seu marido?

— Morto em combate — mentiu.

Na verdade, Richard, o pai de Tess, era um ator desempregado que sobrevivia fazendo papéis de figurante nos shows do West End e desaparecera logo depois de a menina nascer. Marie fora para Londres aos 18 anos, fugida da casa do pai, e se apaixonara pela primeira maçã podre que caíra a seus pés.

— Sumiu na Batalha de Dunquerque.

A explicação, uma mentira mórbida, era melhor que a provável verdade: Richard devia estar em Buenos Aires, gastando o que restava da herança da mãe de Marie, que ela ingenuamente depositara em uma conta conjunta para cobrir as despesas da casa dos dois, assim que se casaram.

— Sua filha está bem cuidada? — Marie assentiu. — Bom. Você não conseguiria se concentrar em nada se estivesse preocupada com isso.

Nunca deixaria de se preocupar com Tess. Naquele instante, soube que Eleanor não tinha filhos.

Pensou na filha, morando no interior, na visita de fim de semana que não aconteceria se aceitasse aquela proposta. Que tipo de mãe faria uma coisa daquelas? A escolha mais responsável seria agradecer a Eleanor, recusar e ficar em Londres, voltar para o que restara de vida normal após a guerra. Era a única pessoa que restava a Tess. Se não

voltasse, a filha não teria ninguém a não ser tia Hazel, que certamente não poderia cuidar dela por mais muito tempo.

— O trabalho paga dez libras por semana — acrescentou Eleanor.

Era cinco vezes mais que o que Marie ganhava datilografando. Encontrara o melhor emprego possível em Londres, mas não era o bastante. Mesmo combinado a um segundo emprego, do tipo que a impediria de visitar Tess aos fins de semana, ainda não chegaria ao que Eleanor estava oferecendo. Fez os cálculos. Teria o bastante para manter a casa — mesmo depois de mandar dinheiro para Hazel semanalmente, para cobrir os cuidados e gastos de Tess, algo que simplesmente não era possível no momento. Pensou em dar um vestido novo para a filha, talvez até alguns presentes de Natal. Tess não era mimada e nunca reclamava, mas Marie sempre desejou dar mais à filha das coisas que ela própria não valorizara na infância. De qualquer forma, não era como se pudesse ficar com Tess enquanto trabalhava em Londres. E, para falar a verdade, estava curiosa a respeito da misteriosa aventura que Eleanor lhe oferecera. Sentia-se tão inútil ali, em Londres, sentada datilografando. Era melhor fazer algo de bom, fazer a diferença nos esforços de guerra — se, como dissera Eleanor, ela de fato tivesse o que era necessário.

— Então tudo bem. Estou pronta. Mas preciso ligar para a cuidadora da minha filha e avisar que não vou visitá-la.

Eleanor balançou a cabeça com firmeza.

— Impossível. Ninguém pode saber aonde está indo. Nem mesmo que *está* indo a algum lugar. Enviaremos um telegrama informando sua família de que você precisou viajar a trabalho.

— Não posso simplesmente ir embora sem dizer nada.

— É exatamente isso que você deve fazer. — Eleanor a encarou, sem se abalar. Apesar de sua expressão não mudar, Marie viu uma sombra de dúvida em seus olhos. — Se não está preparada para fazer isso, pode ir embora.

— Preciso falar com a minha filha. Não aceito nada se não puder ouvir a voz dela.

— Certo — cedeu Eleanor, por fim. — Mas não pode dizer que vai viajar. Tem um telefone na sala ao lado, pode usar. Seja breve. Não mais do que cinco minutos. — Eleanor falava como se mandasse nela, como fosse sua dona. Marie se perguntou se aceitar aquilo não teria sido um erro. — Não fale nada sobre a viagem — reiterou Eleanor.

Marie sentiu que aquilo era uma espécie de teste, talvez o primeiro de muitos.

Eleanor foi até a porta, gesticulando para que Marie a seguisse.

— Espere... Tem uma coisa. — Eleanor deu meia-volta, parecendo irritada. — Tenho que avisar que a família de meu pai é alemã.

Marie observou o rosto de Eleanor, em parte esperando que a informação a fizesse mudar de ideia quanto a aceitar Marie para seja lá o que estava propondo.

Mas a mulher apenas assentiu e disse:

— Eu sei.

— Mas como?

— Você vai àquele café todos os dias, não vai? — Marie assentiu. — Devia parar de fazer isso. Péssimo hábito. Variar a rotina é essencial. Um dos nossos funcionários notou você, quando estava lá, lendo algum livro em francês, e achou que poderia ser uma boa recruta. Então a seguimos até seu trabalho, descobrimos quem era. Depois de pesquisarmos sobre a sua vida, você foi considerada qualificada, pelo menos para o processo inicial. — Marie estava pasma: tudo aquilo acontecera sem ela ter nem ideia. — Temos olheiros e recrutadores por todo o Reino Unido. Mas, no fim das contas, eu é que decido se as garotas servem para o trabalho. Todas passam por mim. — Ela parecia um tanto na defensiva.

— E acha que eu sirvo?

— Talvez — concedeu Eleanor, hesitante. — Tem as referências certas. Mas será testada no treinamento, então veremos se pode colocar

essas habilidades para uso. É inútil possuir uma capacidade, se não se tem coragem de ir até o fim. Tem alguma filiação política?

— Nenhuma. Minha mãe não acreditava em...

— É o bastante. Não responda nenhuma pergunta com mais informações do que precisa. — Aquilo fora outro teste. — Jamais fale sobre si mesma ou sobre seu passado. Você vai ganhar uma nova identidade no treinamento.

E vai ser como se eu nunca tivesse existido, pensou Marie.

Eleanor segurou a porta aberta. Marie passou por ela e entrou em um escritório com estantes de livro altas. Havia um aparelho telefônico preto sobre uma mesa.

— Pode ligar daqui.

Eleanor continuou parada na porta, sequer fingindo que daria alguma privacidade. Marie discou para a operadora e pediu para a conectarem à agência postal na qual Hazel trabalhava, na esperança de ela ainda não ter ido para casa. Perguntou por Hazel assim que atenderam.

Uma voz melódica do outro lado da linha exclamou:

— Marie! Tem alguma coisa errada?

— Está tudo bem — assegurou Marie, mais do que depressa, desejando desesperadamente contar a verdade sobre o motivo de ter ligado. — Só queria saber da Tess.

— Vou chamar.

Passou um minuto, depois outro. *Vamos logo*, pensou Marie, com receio de que Eleanor arrancasse o aparelho de sua mão assim que os cinco minutos acabassem.

— Alô! — guinchou Tess, inundando seu coração de amor.

— Querida! Como está?

— Mamãe, estou ajudando a tia Hazel a organizar as cartas.

Marie sorriu, imaginando-a brincando com os escaninhos.

— Boa garota.

— E faltam só dois dias para eu ver você.

Tess, que mesmo ainda bem pequena já tinha uma boa noção de tempo, sabia que a mãe sempre ia às sextas. Só que não iria mais. Marie sentiu um aperto no peito.

— Deixe-me falar com sua tia. E Tess: eu te amo — acrescentou.

Mas a menina já não estava mais na linha. Hazel pegou o fone.

— Ela está bem? — perguntou Marie.

— Ótima. Contando até cem e somando. É tão esperta! Ora, no outro dia mesmo ela... — Hazel parou, parecendo sentir que revelar o que Marie perdera do desenvolvimento da filha só pioraria as coisas.

Marie não conseguia não sentir um pouquinho de ciúme. Ficara apavorada quando Richard a abandonara, deixando-a sozinha com uma recém-nascida. Mas, naquelas longas noites confortando e amamentando um bebê, Tess e ela tinham se tornado uma só. Até que fora forçada a mandar a filha para longe. Estava perdendo tanto da infância de Tess por causa daquela guerra interminável.

— Você vai poder ver pessoalmente no fim de semana — acrescentou Hazel, com delicadeza.

Marie sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

— Tenho que ir.

— Vejo você em breve! — respondeu Hazel.

Com medo de a tia dizer mais alguma coisa, ela desligou.